

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

Aveiro: 100 n.ºs, 25000; 50, 15000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 n.ºs, 25250; 50, 15125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.ºs (moeda forte), 45500 réis.—Pagamento adiantado.

Redacção, rua do Espirito Santo, 71

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

NUMERO AVULSO, 20 REIS

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os srs. assignantes gozam do desconto de 25 p. c.

Administração, rua do Espirito Santo, 71

AVEIRO

MUDEMOS DE RUMO

O grande cataclismo está imminente. Apalpa-se a anarchia. Respira-se a desordem. Vê-se a conflagração das ruas prestes a surgir, ameaçadora, desordenada, terrível. E todos tremem diante d'essa expectativa. Ninguém se sente com forças para arcar com a situação, nem monarchicos nem republicanos. Ninguém tem um plano de campanha, ninguém tem confiança na disciplina dos exercitos, ninguém sabe o que ha de fazer e nem sequer ao menos por onde ha de marchar; todos appellam para o acaso, ou com o fatalismo sinistro dos espiritos incultos e das raças decadentes aguardam, n'uma passividade sombria, a morte que julgam inevitável. Porque é isto? Pela falta de ideal e de principios; pela confusão de systemas, de processos, de propagandas, de conductas; pela nenhuma educação, pela ausencia d'escola, que tudo isso produziu esta baixa de sentimentos que caracteriza a sociedade portugueza. Nem altruismo, nem abnegação, nem patriotismo, nem nenhuma d'essas qualidades necessarias á grandesa e á civilização d'um povo. Todos nós sofremos d'um egoismo baixo e brutal, que não nos deixa ver senão os nossos interesses immediatos, a nossa vaidade, o nosso amor proprio, a nossa pessoa, enfim, tão mesquinha, tão rasteira, tão miserável n'este conjunto grandioso e immenso das coisas arruinadas e que, entretanto, na cegueira da nossa insignificancia osuamos ter a pretensão de collocar acima de todos e de tudo que nos cerca. Assim se originou esta febre do functionalismo, da galopinagem, dos interesses locais; assim se originou esta febre dos esbanjamentos, do relaxamento, do compadrio e da sinecura; assim chegámos a esta indisciplina social em que nada se respeita, nada se estima, nada se considera; assim cabimos na degradação da mentira, da calumnia, da intriga, d'essa guerra abjecta de homem para homem em que os politicos portuguezes chafurdam como porcos em chiqueiro, sem comprehensão nenhuma da dignidade publica nem da propria dignidade, antes orgulhando-se dos seus triumphos de brigão sem altivez e sem decoro.

O que procura empregos tendo fortuna, tendo officio ou outros meios de trabalhar, não se demora a saber o mal social que d'ahi provém. Lembra-se só da satisfação material e immediata que do facto lhe resulta.

O capitão-mór das provincias não gasta rios de dinheiro na pressão e na galopinagem eleitoral para fazer vangloriar um principio ou uma questão d'interesse nacional, mas para mostrar a sua força e a sua importancia na localidade, ou porque assim satisfaça o seu amor proprio ou porque queira empregar essa importancia no sentido de obter qualquer concessão particular que lhe convenha.

A cidade, villa ou logarejo que pede melhoramentos d'alta monta não quer saber se as condições do paiz permittem os dispendios necessarios ás obras que reclama, se esses melhoramentos são de necessidade inadiavel e de conveniencia geral, ou simplesmente elementos de luxo, aparato, vaidade, ou conveniencia local muito discutível.

O homem publico, o jornalista, o parlamentar, o estadista não procura apoio na austeridade da sua conducta e na integridade dos seus principios, mas na adulação das massas, na transigencia com o vicio e com o erro, em semear empregos e gratificações, em desprezar a lei e os regulamentos. E d'esse modo, ha de succumbir aos primeiros attrictos, ou á mais leve conflagração, porque nem as multidões teem respeito pelos representantes do poder nem estes teem prestigio para impôr a sua auctoridade.

O mesmo cynismo que se emprega para gosar o poder, é o mesmo que se emprega para o escalar. Deturpam-se as melhores intenções, adulteram-se os melhores actos. Chama-se ladrão a qualquer com a consciencia de que elle é um homem honrado. Calumnia-se o adversario por todas as fórmulas com a consciencia plena da calumnia. Todos querem subir, todos querem ser chefes, cada cabeça cada sentença e por conseguinte nem ha subordinação ao mais habil ou ao mais talentoso, nem lealdade para o companheiro de lucta. E' a guerra continua de doestos, d'invejas, de traições, de accusações infames, a dominar todas as aspirações de dignidade ou de interesse colectivo. Como nas luctas dos selvagens, a mira dos combatentes não é defender idéas, tradições, honra ou necessidade dos povos; não é alargar a civilização; não é engrandecer uma bandeira; é saquear cidades, talar campos e prostituir mulheres. Leva-se tudo a ferro e a fogo, com tal cegueira e insanias que nem ao menos se repara que o exercito não encontrará na retirada um grão de trigo para moer. Queimou-se tudo. E só ao voltar costas se repara que até se queimou o necessario para viver!

Os monarchicos constituíram em Portugal o grosso d'esse exercito de vandalas. Mas os republicanos fizeram parte d'elle como facheiros. Ha dez annos que nós vimos prophetizando aos republicanos o estado de coisas actual. Ha dez annos que, n'este mesmo periodico, lhes vimos pedindo diversidade de processos. Debalde. Viveram a vida da monarchia, os mesmos usos, os mesmos costumes, a mesma educação e por isso chegaram ao fim, como os seus suppostos adversarios, sem plano, sem ideal, sem convicções, e sem força, que é mais alguma coisa. Não constituíram um exercito inteiramente independente, com outros regulamentos e outras aspirações. Não delimitaram os campos. Hoje enfermam do mesmo desvairemento. Hoje a nação confunde-os; não distingue os combatentes pelas obras; distingue-os, quando muito, pelas barretinas.

Não ha remedio para isso? Ha. Estamos em vespuras do poder.

Quando lá chegarmos mudemos de rumo que ainda mudamos a tempo.

E sobre esse ponto nos explanaremos n'um proximo artigo.

A FREIRA

Só no proximo numero comecaremos a publicar em folhetim o admiravel romance de Diderot, que tinhamos anunciado para hoje.

O COMMERCIO DE VINHOS

A questão vinicola é momentosa, porque se prende com uma das mais ricas industrias do paiz. A ultima lei franceza que eleva consideravelmente a pauta aduaneira para os vinhos importados na França produziu em Portugal enorme apprehensão nos vinicultores.

A Hespanha soffre como nós o rigor da lei franceza, e trabalha com afan para neutralisar o dano que ameaça a sua industria vinhateira, tendo principalmente em vista deslocar os centros commerciaes de Bordens e outros portos da França em pró dos vinhos hespanhoes, aproveitando para estes os mercados já conquistados e seguros por aquelles centros exportadores.

Em Portugal, os poderes publicos pouco ou nada teem feito. Emquanto estes descuram um assumpto de importancia transcendente, os interessados mais directos trabalham no melhor meio de acudir á crise. O illustrado viticultor de Torres Vedras, o sr. Joaquim Belford, expoz o seguinte alvitre que reputamos deve merecer a attenção do governo:

"Terão entrada livre em Portugal os vinhos de França e Algeria, até 11 graus.

O vinhos de Hespanha poderão também ser importados aqui por quem os quizer lotar com os vinhos francezes ou com os portuguezes, para exportar; pagarão, porém, os hespanhoes 5 francos (900 réis) por hectolitro de direitos de entrada.

E' exceptuada de pagar este direito de entrada toda a quantidade de vinho hespanhol, até 14 graus, que fôr igual á quantidade de vinho portuguez que o importador possa ter comprado no nosso paiz.

Para melhor esplanar este bonus, servimo-nos d'um exemplo:

Um commerciante importa de Hespanha 100 hectolitros de vinho até 14 graus, devendo por elles pagar 905000 réis de direitos de entrada. Se com a factura provar que comprou 80 hectolitros de vinho portuguez, são-lhe abatidos n'aquelles direitos 725000 réis equivalentes aos 900 réis de bonus por cada um dos 80 hectolitros de vinho nacional.

Os vinhos estrangeiros, lotados e não lotados não poderão ser consumidos no paiz. Todos serão destinados á exportação que se fará mediante 1 franco apenas por hectolitro de imposto de sahida.

Os vinhos serão recebidos n'um entreposto, onde possam ser bem fiscalizadas as entradas, as sahidas, evitando o consumo no paiz, as composições artificiaes e nocivas, etc., etc.,

A questão é digna de que se lhe prestem todos os cuidados. Na grave conjunctura que o paiz atravessa, desprezar uma das suas mais importantes industrias seria agravar-a com um erro imperdoavel.

Por informações que nós dá a *Agricultura Portugueza*, em nome ou por indicação do sr. ministro da fazenda teem sido convidados os negociantes de vinhos portuguezes a constituir uma grande companhia vinicola, semelhante á Real Companhia Vinicola do Norte. A resposta tem sido, por parte de todos, a serem exactas essas informações, negativa, recusando-se á idéia de se associarem em companhia.

O discurso do sr. Arriaga

(Continuado do n.º 504)

Isto é, o governo do Senhor D. Carlos vae dizer á Inglaterra que está prompto a sacrificar-se á sua insaciavel ambição, embora faça n'isto os maiores sacrificios!... A' bôca insaciavel d'aquelle mercador dos mares, que tudo engole como o tubarão, o governo portuguez vae levar um projecto de pacto em que se obriga a não discutir mais os seus direitos, mas a conciliar o extremo limite dos seus proprios sacrificios com os interesses britannicos!

Posta a questão n'este terreno a Inglaterra soube tirar as naturaes consequencias:

"Vocês querem então dar-me tudo e conciliar-se quanto possivel commigo; pois ahi vae o que exijo: planalto de Manica para mim, limites os mesmos do tratado de 20 de agosto, salvo umas pequenas trocas; sahida para o mar indispensavelmente; caminho de ferro para o Pungue; e o meu sonho dourado, Sofala."

E a arte com que o sr. Soveral veio annunciar ao nosso mundo diplomatico, que Sofala era o sonho dourado dos inglezes!!...

Tudo isto, digo-o francamente, é de uma ingenuidade diplomatica de tal ordem, que ficará assignalada como um dos grandes erros politicos da monarchia.

Como as confissões do governo portuguez eram assim tão sinceras quanto arriscadas e perigosas, e como tudo quanto queriamos fazer, lh'o fomos confiar: a Inglaterra, segura do golpe, andou soberanamente desprezadora da nossa fingida habilidade diplomatica, de que esta segunda phase das transacções, é um triste documento, e então foi dando: aqui uma cousa, acolá outra, além uma fracção minima, áquem outra maiorsinha, para nos ir entretendo até ao ponto de nos arrancar as felicitações diplomaticas dos nossos ministros da corôa, para o ministro em Londres, pelo bom exito da sua empreza!!

Pois com tal obra como esta podem limpar as mãos á parede!

E' a historia do velho Lacoonte

envolvido pela serpente enorme que o esmaga e devora!

Se o governo estava ancioso pela realisação do novo tratado e queria tudo feito quanto antes, explorada esta ancia, confessado ingenuamente que faziamos tudo que elles quizessem... a conclusão logica era submettermo-nos a tudo; e foi no fim de contas o que se fez!

Eis o que é o tratado, um ludibrio, srs. deputados!

Para se calcular até onde foi o ludibrio d'aquella nação contra nós, é bom ver este mappa. Isto é uma especie de Veronica, um Santo Sudario! Vou estendel-o para que vejam como é tocante!

Vejâmos o traçado d'esta linha usurpadora dos nossos direitos! Este zig-zag que vae caprichosamente por aqui e por alli, cortando a nossa Africa interior, traz-me á memoria o que se passa nas nuvens quando d'ellas desce o raio fulminando a terra!

São os mesmos caprichos, a mesma prepotencia, o mesmo arbitrio! é a vontade soberana mandando a quem se submette!

Este zig-zag mysterioso ha de ficar na historia como um raio que fulminou a dignidade do meu paiz! Mas para que a prepotencia andaz tomasse bem accentuadamente o caracter de uma verdadeira aggressão e escarneo, é ver no mappa de Africa em face do artigo 1.º n.º 2.º do convenio, a acotovelada brutal que nos é dada para não seguirmos, até ao fim, a margem oriental do lago Nyassa e não entrarmos por territorio que era nosso nas agnas do Chire, egualmente nosso!...

Assim somos forçados pelo tratado a seguir a margem oriental do lago na sua direcção sul até ao paralelo 13.º30 de latitude sul; corre d'ahi depois na direcção sueste até á margem oriental do lago Chiute, a qual acompanha até ao seu extremo.

E porque não acompanha também até ao seu extremo a margem oriental do lago Nyassa?! Como é que, chegando quasi á sua extrema, abandona-a e segue n'outra direcção, trocando um limite natural por um outro completamente artificial e arbitrario?!

Porque a Inglaterra, á sombra da nossa hospitalidade, e abusando d'ella, tinha empolgado terrenos que eram nossos e sobre os quaes fundou um estabelecimento que tem hoje o nome de um dos seus exploradores illustres!

Quando uma nação como a nossa trata em taes condições de fraqueza é melhor que se declare coacta e evite a sua assignatura, para ao menos honrar o seu nome!

Como este desvio dos limites naturaes encontram-se outros muitos em todo o traçado que só se justificam pela omnipotencia da outra parte contratante.

E aqui estamos fazendo zig-zags, e com elles traçando na carta gloriosa das nossas descobertas e conquistas em Africa o epitaphio do nosso valor e da nossa sciencia diplomatica!

Uma vergonha!

Eu não sou geographo, não tenho conhecimentos especiaes da Africa, e portanto não posso vir dizer que os terrenos abandonados pela Inglaterra ao norte do Zambeze são pessimos.

Não acredito também muito n'isto, mas o que posso desde já dizer

que são optimos aquelles que a cubica ingleza quiz para si. E n'isto não pôde haver duvida, porque ella não se expunha a escandalisar o mundo diplomatico e a levantar conflictos para salvar o planalto de Manica, se não visse n'elle uma especie do seu Eldorado.

Aqui mais uma vez a Inglaterra manifesta a sua prepotencia e o seu mau humor, aqui porém, em sentido contrario ao que fez na margem oriental do Nyassa. Aqui a Inglaterra não se desvia para deixar-nos desembaraçados e livres com o nosso estabelecimento de Maciqueco.

Deixa-nos este dominado por Mutassa n'uma posição tão ephemera e ridicula, como tentou deixar-nos em Zumbo, no tratado de 20 de agosto!...

Ao traçar a fronteira ao longo da crista do planalto de Manica, a linha, na phrase do contrato, soffre, sendo necessario, a inflexão bastante para que Mutassa fique na esphera britannica e Maciqueco na esphera portugueza.

Esta inflexão é mais uma das cotovelladas do orgulho e ambição britannicas a que ha pouco me referi.

Assim vamos entregar o interior de Africa á Inglaterra e assignarmos um pacto de bem viver com ella!

Os senhores conhecem melhor do que eu o mappa da Africa.

Hão de n'elle vêr que o Egypto corta n'uma linha quasi perpendicular o continente negro, até encontrar-se n'um como systema de mares interiores, o Victoria Nyassa, o Taganika, o Nyassa, até chegar ás margens do grande Zambéze pelo affluente do Chire.

Isto quer dizer que a Inglaterra pôde um dia dominar desde o Mediterraneo até ao oceano indico, por terras e aguas que nós em grande parte lhe vamos entregar! Isto tambem quer dizer que, senhora do planalto de Manica, senhora do commercio interior do grande continente, nós lhe vamos dar os rios, as estradas, e os portos do mar de que ella carece para levar a bom termo os seus grandiosos planos de exploração universal!...

Consentiremos nós e sobretudo consentirá a Europa que isto se faça com a semcerimonia com que vós acceitaeis este tratado?!

Custa-me muito a crê-lo.

(Continúa.)

DESAFORO

Não podemos classificar d'outra maneira o que se está dando nos talhos d'esta cidade. Alli não se recebe papel em pagamento de carne, e este *mot d'ordre* é para todos os açongues. E é tão rigorosa a ordem, que preferem

não vender carne a acceitar uma nota em pagamento.

Ora isto é um abuso tão desaforado que não hesitamos em pedir instantemente providencias á auctoridade, quando de mais a mais, para cumulo da odiosa exploração, sabemos que uma boa parte do metal apurado nos talhos é para negocio da agiotagem.

O momento é excepcional para que se permittam aquellas verdadeiras iniquidades. O operario que ao domingo recebe a fêria em papel tem fatalmente de cahir nas mãos aduncas do agiota para comprar umas miserias 250 grammas de vacca. E' agora que desejamos applaudir medidas energicas para conter o furor ganancioso dos marchantes, que aproveitam a crise para explorar a miseria publica.

A auctoridade pôde travar o passo á exigencia cruel dos marchantes, que mercê da incuria official estão levantando de mais o collo.

Tambem é necessario que os operarios reparem n'aquella violencia. Nos talhos não se lhe acceitam notas, e por isso têm de ir cahir ás mãos dos uzurarios se quizerem adubar o caldo de domingo com um bocado de vacca. E' indispensavel que não se esqueçam dos que se valem da occasião difficil que atravessamos para exercer um torpe negocio. Porque é necessario que digamos que em Aveiro, dos estabelecimentos de comestiveis, só os talhos se exceptuam de fazer sacrificios para suavisar a crise que nos afflige.

Os marchantes teem tido em largo periodo de *vaccas gordas*, para que não podessem supportar um leve ferimento nos seus interesses, se acreditamos que tem de pagar agio no cambio do papel que receberem dos seus freguezes.

A' camara é que cumpre intervir n'este assumpto por demais momentoso: se os talhos jogam com a miseria da crise, o senado que estabeleça açongues por sua conta, afim de neutralisar o egoismo dos marchantes. E cremos que no momento prestaria um excellento serviço.

Não os aconselhámos com o fito no lucro que poderia d'ahi advir, mas unicamente para remediar uma falta que outros, senhores do campo, estão agravando. E' uma necessidade publica. Dos prejuizos, se os houvesse, partilhariamos todos, e julgamos que o mal, dividido por todos nós, se tornaria menos sensivel.

Deus nos livre de a fome nos bater á porta, que seriamos os primeiros a apontar á indignação das massas aquelles que injustificadamente estão já cerrando as suas portas com o gravame de que nos vimos queixando.

—Faça a diligencia de levantar o braço, disse elle.

Bussy obedeceu, mas não o podendo conservar na mesma posição, deixou-o cahir logo com toda a força do seu peso, ao longo do corpo.

—Mexe agora os dedos. E' claro, que os musculos foram parte interessada, continúa o medico dirigindo-se ao companheiro. E valeu de muito os bordados do casaco que amorteceu a pancada das patas da fêra.

—Julga que não haverá perigo? interrogou o brahmane.

—D'aqui a poucos dias estará são e salvo, e espero, graças ao meu maravilhoso balsamo, não ficar mais que uma insignificante difficuldade nos movimentos, que em breve desaparecerá.

Depois, sacudindo um vidrinho de liquido esverdeado, embebeu com elle as ligas de panno de linho.

—E fallar, poderá?

—Sim, muito não; a febre só mais tarde poderá sobrevir, caso eu a não possa evitar.

O Marquez seguia com a maxima curiosidade este dialogo, exa-

minando detidamente ora um, ora outro dos dois personagens. O aspecto do brahmane era sympathico e revelava distincção e intelligencia.

—Pois confesso-lhes que me sinto com boas disposições de dar á lingua, disse sorrindo-se, porque me parece ter estado mudo tempos inculcaveis.

—Muito me admira, meu filho, ouvir-lhe fallar a nossa lingua; onde a aprendeu? indaga o brahmane.

—A bordo, e sózinho, sem auxilio de mestre, como devem perceber pela minha má pronuncia.

—Porque teve tanto interesse em conhecer a lingua dos indus?

—Para bem servir o meu rei, e defender o nosso commercio contra a insolencia britannica.

O brahmane inclina a cabeça sobre o peito, concentrando os seus pensamentos, e, passado pouco tempo, ergue o rosto, cravando os olhos brilhantissimos no joven francez, a quem este interrogatorio começava a ser massador.

—Diga-me, no seu paiz, que é tido, entre nós, por barbaro, haverá alguma noção do que sejam as nossas castas?

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

—N'esse caso, se o não enfastiámos, esclareça-nos, meu filho, a que casta pertence? pergunta o brahmane, com voz meiga.

O ferido ergue-se, um pouco, sobre as almofadas e responde com altivez e já meio encolerizado:

—Tenho o título de Marquez em França, e já que tanto interesse lhes desperto, deixem-me informar-os que a aristocracia da minha terra corresponde á sua casta dos tchatrias. Parece-me, pois, ter-lhes respondido sufficientemente. Compete-me, agora, a vez de ser interrogante. Primeiro, desejaria muito saber em que sitio estou; segundo, o nome da mulher a quem eu salvei da morte.

O brahmane, enquanto o Marquez calorosamente discorria trocava olhares intencionaes com o medico, occupado a este tempo em preparar nova poção, e depois do francez se calar, passado um momento, continuou, respondendo pela seguinte fôrma:

—Sinto muito pesar em dizer-lhe, meu filho, que não tenho o direito de satisfazer aos seus desejos; affirmo-lhe, todavia, que, em quanto aqui se conservar, pôde estar descansado que ninguém lhe tocará, gosando da liberdade de ir para onde quizer, logo que a saude lh'o permitta.

—A minha espada!? podiu Bussy em voz alta, sentindo-se desarmado e á mercê de desconhecidos.

—Socegue, que está guardada. Saiba, no entanto, que um hospede, seja elle qual fôr, é sagrado para nós, disse o brahmane; armado ou sem armas, pessoa alguma lhe porá a mão.

—A sua espada, joven arrojado, deixou-a enterrada no corpo da fêra, interrompeu o medico, e a estas horas, depois de convenientemente restaurada, deve estar tão perfeita, como no dia em que sahii das mãos do espadeiro.

O ferido pretende retorquir; o medico, porém, impõe-lhe silencio, apresentando-lhe o remedio.

(Continúa.)

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

—N'esse caso, se o não enfastiámos, esclareça-nos, meu filho, a que casta pertence? pergunta o brahmane, com voz meiga.

O ferido ergue-se, um pouco, sobre as almofadas e responde com altivez e já meio encolerizado:

—Tenho o título de Marquez em França, e já que tanto interesse lhes desperto, deixem-me informar-os que a aristocracia da minha terra corresponde á sua casta dos tchatrias. Parece-me, pois, ter-lhes respondido sufficientemente. Compete-me, agora, a vez de ser interrogante. Primeiro, desejaria muito saber em que sitio estou; segundo, o nome da mulher a quem eu salvei da morte.

O brahmane, enquanto o Marquez calorosamente discorria trocava olhares intencionaes com o medico, occupado a este tempo em preparar nova poção, e depois do francez se calar, passado um momento, continuou, respondendo pela seguinte fôrma:

—Sinto muito pesar em dizer-lhe, meu filho, que não tenho o direito de satisfazer aos seus desejos; affirmo-lhe, todavia, que, em quanto aqui se conservar, pôde estar descansado que ninguém lhe tocará, gosando da liberdade de ir para onde quizer, logo que a saude lh'o permitta.

—A minha espada!? podiu Bussy em voz alta, sentindo-se desarmado e á mercê de desconhecidos.

—Socegue, que está guardada. Saiba, no entanto, que um hospede, seja elle qual fôr, é sagrado para nós, disse o brahmane; armado ou sem armas, pessoa alguma lhe porá a mão.

—A sua espada, joven arrojado, deixou-a enterrada no corpo da fêra, interrompeu o medico, e a estas horas, depois de convenientemente restaurada, deve estar tão perfeita, como no dia em que sahii das mãos do espadeiro.

O ferido pretende retorquir; o medico, porém, impõe-lhe silencio, apresentando-lhe o remedio.

(Continúa.)

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

—N'esse caso, se o não enfastiámos, esclareça-nos, meu filho, a que casta pertence? pergunta o brahmane, com voz meiga.

O ferido ergue-se, um pouco, sobre as almofadas e responde com altivez e já meio encolerizado:

—Tenho o título de Marquez em França, e já que tanto interesse lhes desperto, deixem-me informar-os que a aristocracia da minha terra corresponde á sua casta dos tchatrias. Parece-me, pois, ter-lhes respondido sufficientemente. Compete-me, agora, a vez de ser interrogante. Primeiro, desejaria muito saber em que sitio estou; segundo, o nome da mulher a quem eu salvei da morte.

O brahmane, enquanto o Marquez calorosamente discorria trocava olhares intencionaes com o medico, occupado a este tempo em preparar nova poção, e depois do francez se calar, passado um momento, continuou, respondendo pela seguinte fôrma:

—Sinto muito pesar em dizer-lhe, meu filho, que não tenho o direito de satisfazer aos seus desejos; affirmo-lhe, todavia, que, em quanto aqui se conservar, pôde estar descansado que ninguém lhe tocará, gosando da liberdade de ir para onde quizer, logo que a saude lh'o permitta.

—A minha espada!? podiu Bussy em voz alta, sentindo-se desarmado e á mercê de desconhecidos.

—Socegue, que está guardada. Saiba, no entanto, que um hospede, seja elle qual fôr, é sagrado para nós, disse o brahmane; armado ou sem armas, pessoa alguma lhe porá a mão.

—A sua espada, joven arrojado, deixou-a enterrada no corpo da fêra, interrompeu o medico, e a estas horas, depois de convenientemente restaurada, deve estar tão perfeita, como no dia em que sahii das mãos do espadeiro.

O ferido pretende retorquir; o medico, porém, impõe-lhe silencio, apresentando-lhe o remedio.

(Continúa.)

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

—N'esse caso, se o não enfastiámos, esclareça-nos, meu filho, a que casta pertence? pergunta o brahmane, com voz meiga.

O ferido ergue-se, um pouco, sobre as almofadas e responde com altivez e já meio encolerizado:

—Tenho o título de Marquez em França, e já que tanto interesse lhes desperto, deixem-me informar-os que a aristocracia da minha terra corresponde á sua casta dos tchatrias. Parece-me, pois, ter-lhes respondido sufficientemente. Compete-me, agora, a vez de ser interrogante. Primeiro, desejaria muito saber em que sitio estou; segundo, o nome da mulher a quem eu salvei da morte.

O brahmane, enquanto o Marquez calorosamente discorria trocava olhares intencionaes com o medico, occupado a este tempo em preparar nova poção, e depois do francez se calar, passado um momento, continuou, respondendo pela seguinte fôrma:

—Sinto muito pesar em dizer-lhe, meu filho, que não tenho o direito de satisfazer aos seus desejos; affirmo-lhe, todavia, que, em quanto aqui se conservar, pôde estar descansado que ninguém lhe tocará, gosando da liberdade de ir para onde quizer, logo que a saude lh'o permitta.

—A minha espada!? podiu Bussy em voz alta, sentindo-se desarmado e á mercê de desconhecidos.

—Socegue, que está guardada. Saiba, no entanto, que um hospede, seja elle qual fôr, é sagrado para nós, disse o brahmane; armado ou sem armas, pessoa alguma lhe porá a mão.

—A sua espada, joven arrojado, deixou-a enterrada no corpo da fêra, interrompeu o medico, e a estas horas, depois de convenientemente restaurada, deve estar tão perfeita, como no dia em que sahii das mãos do espadeiro.

O ferido pretende retorquir; o medico, porém, impõe-lhe silencio, apresentando-lhe o remedio.

(Continúa.)

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

—N'esse caso, se o não enfastiámos, esclareça-nos, meu filho, a que casta pertence? pergunta o brahmane, com voz meiga.

O ferido ergue-se, um pouco, sobre as almofadas e responde com altivez e já meio encolerizado:

—Tenho o título de Marquez em França, e já que tanto interesse lhes desperto, deixem-me informar-os que a aristocracia da minha terra corresponde á sua casta dos tchatrias. Parece-me, pois, ter-lhes respondido sufficientemente. Compete-me, agora, a vez de ser interrogante. Primeiro, desejaria muito saber em que sitio estou; segundo, o nome da mulher a quem eu salvei da morte.

CARTAS

LISBOA

28 de Julho.

Continúa o mesmo estado de coisas. O governo annuncia aos quatro cantos que estão chegando grandes remessas de francos, moeda franceza que vae circular entre nós com o valor de 200 réis. E d'esse modo espera elle attenuar a crise do numerario.

Não attenua coisa nenhuma, por muitos motivos, alguns que en já expuz nas minhas cartas anteriores e dos quaes o principal é a falta de confiança politica. A crise que nós atravessamos não é propriamente uma crise economica. Essa vem-se preparando ha muitos annos mas não chegou ainda ao seu periodo agudo. A crise actual é uma crise do thesouro, crise que faz differença da primeira, e para debellar a qual se torna necessario primeiro que tudo confiança nos governos e nas instituições. Faltando essa confiança falta tudo. Não só o retraimento interno do metal chega a attingir as proporções assustadoras que se vêem, como o governo não poderá apellar para auxilios no estrangeiro. Fecham-se-lhe todas as portas. E deante d'isso não ha nada que fazer.

O franco é uma moeda internacional, como se sabe. Tem curso legal em varios paizes. De fôrma que elle a chegar e elle a desaparecer. Ha de ser aproveitado necessariamente para transacções commerciaes. E d'essa maneira só restará da moeda franceza entre nós mais um elemento de propagação republicana. Impressionista como é o nosso povo e no estado dos espiritos em Portugal faça-se ideia da influencia que as inscripções republicanas do franco exercerão nas massas. E' um caso que se presta á troça e que não deixará de ser aproveitado por alguém.

De resto, o governo anda com um susto diabolico. Não vê senão conspirações e planos de revolução por todos os lados. Emfim, elle lá se entende. E' verdade que o seguro nem por morrer de velho deixou de morrer. E' então nem por muitas cautellas a situação deixará de ir para o fundo se assim está decretado nos altos designios de Deus.

—Os jornaes estavam referindo, como se sabe, gravissimas irregularidades commettidas no recolhimento do Rego. O Seculo estava mesmo explorando torpemente esse negocio no sentido de chamar para ali as atenções des-

viando-as da crise economica. Dizia-se á bocca pequena que havia n'isso compromissos com o governo, o qual promettera ao Seculo poupar-o, como poupará em 31 de janeiro, se em cima de qualquer patrosa arranjada pelo proprio governo, ou de qualquer sarrafusca do mesmo genero tivesse d'investir com a imprensa que se diz ou que é republicana. Não sei se estes boatos teriam fundamento. Eram muito insistentes e até se dizia que era tamanho o empenho do Seculo em proteger o governo que não quiz publicar um artigo muito energico do sr. Rodrigues de Freitas sobre a crise, o que levára este publicista a retirar a sua collaboração ao papel da rua Formosa. Acrescentava-se que uma outra prova das más intenções do Seculo estava n'um artigo do sr. Teixeira Bastos, que deixou de ser radical desde que entrou para a redacção do papel argentario, artigo que o publico recebeu muito mal, como tem recebido outros do mesmo jornal e sobre o mesmo assumpto. Não sei, repito, se estes boatos teriam ou terão fundamento. O que sei e o que é verdade é que o Seculo dava uma importancia desmedida ao caso do Rego ao mesmo tempo que pedia prudencia na questão economica.

Mas estavam os jornaes referindo as irregularidades commettidas no recolhimento do Rego. Hontem appareceram contando um outro grande escandalo, ou crime, commettido n'outro recolhimento da mesma especie, o convento das Trinas do Mocambo. O caso agora, que é mais sério, cifra-se no seguinte: Uma recolhida do convento das Trinas morreu de repente. O tutor da recolhida, uma formosa menina de 14 annos, desconfiou da origem da morte e deu parte das suas desconfianças á policia. A parte seguiu os seus tramites, mandou-se proceder a autopsia no cadaver e não se tendo descoberto ainda a origem da morte descobriu-se já, entretanto, que a menina fôra violada poucos dias antes de morrer.

Isto causou grande sensação em Lisboa e não se falava hontem d'outra coisa. Eu, porém, o que estranhei é que tamanha admiração proviesse d'um caso tão vulgar. Não se sabe ha muito que os conventos são casas de prostituição? Não são por demais conhecidas todas as infamias commettidas pela clericalha nas suas casas d'educação? O tutor da menina violada nunca tinha lido, nem conhecido, por si ou por outros, qualquer d'essas infamias? Porque não aprendeu com os factos? Porque se limitam esses *liberalões de Seculos* e outros ás berratas do costume e não mettem hombros á empresa gloriosa

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

—N'esse caso, se o não enfastiámos, esclareça-nos, meu filho, a que casta pertence? pergunta o brahmane, com voz meiga.

O ferido ergue-se, um pouco, sobre as almofadas e responde com altivez e já meio encolerizado:

—Tenho o título de Marquez em França, e já que tanto interesse lhes desperto, deixem-me informar-os que a aristocracia da minha terra corresponde á sua casta dos tchatrias. Parece-me, pois, ter-lhes respondido sufficientemente. Compete-me, agora, a vez de ser interrogante. Primeiro, desejaria muito saber em que sitio estou; segundo, o nome da mulher a quem eu salvei da morte.

O brahmane, enquanto o Marquez calorosamente discorria trocava olhares intencionaes com o medico, occupado a este tempo em preparar nova poção, e depois do francez se calar, passado um momento, continuou, respondendo pela seguinte fôrma:

—Sinto muito pesar em dizer-lhe, meu filho, que não tenho o direito de satisfazer aos seus desejos; affirmo-lhe, todavia, que, em quanto aqui se conservar, pôde estar descansado que ninguém lhe tocará, gosando da liberdade de ir para onde quizer, logo que a saude lh'o permitta.

—A minha espada!? podiu Bussy em voz alta, sentindo-se desarmado e á mercê de desconhecidos.

—Socegue, que está guardada. Saiba, no entanto, que um hospede, seja elle qual fôr, é sagrado para nós, disse o brahmane; armado ou sem armas, pessoa alguma lhe porá a mão.

—A sua espada, joven arrojado, deixou-a enterrada no corpo da fêra, interrompeu o medico, e a estas horas, depois de convenientemente restaurada, deve estar tão perfeita, como no dia em que sahii das mãos do espadeiro.

O ferido pretende retorquir; o medico, porém, impõe-lhe silencio, apresentando-lhe o remedio.

(Continúa.)

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

—N'esse caso, se o não enfastiámos, esclareça-nos, meu filho, a que casta pertence? pergunta o brahmane, com voz meiga.

O ferido ergue-se, um pouco, sobre as almofadas e responde com altivez e já meio encolerizado:

—Tenho o título de Marquez em França, e já que tanto interesse lhes desperto, deixem-me informar-os que a aristocracia da minha terra corresponde á sua casta dos tchatrias. Parece-me, pois, ter-lhes respondido sufficientemente. Compete-me, agora, a vez de ser interrogante. Primeiro, desejaria muito saber em que sitio estou; segundo, o nome da mulher a quem eu salvei da morte.

d'acabar com aquelles coios por uma vez? Pois o Seculo não tem á mão muito melhores elementos e recursos do que tinha o Povo de Aveiro, por exemplo, quando sustentou em Aveiro a campanha decisiva contra as irmãs da caridade?

Decididamente o Seculo o que quer é entreter os espiritos, desviando as atenções da crise economica. De contrario, procederia com outra energia n'essa infamia das Trinas, porque é uma verdadeira infamia.

Mas elle lá se entende com os seus botões. E assim vamos!

Y.

NOTICIARIO

FALTA DE TROCOS

Vae desaparecendo a tranquillidade relativa em que temos vivido. A falta de trocos principia, ha duas semanas, a sentir-se com mais rigor, e a classe operaria é de certo uma das que mais soffrem com esta situação anormal.

Aos domingos principalmente abunda enorme quantidade de papel moeda proveniente das fêrias dos operarios. Não é raro ouvir-os lastimar-se pelas difficuldades que encontram para trocar as notas, que em ultimo caso vão levar á uzura d'uns desalmados que por ahí abundam.

No Porto e em Lisboa e outras terras as auctoridades providenciaram, pondo todas as semanas uma quantidade de metal á disposição dos estabelecimentos que tinham de pagar fêrias. Pois em Aveiro não deve haver menos solicitude pelos operarios. Se a auctoridade os abandona á mercê da crise, reclamem energicamente, em massa, e estamos certos serão attendidos.

A filial não ficava onerada se cada semana destinasse uma certa quantidade de metal que daria em troco de papel apresentado pelos operarios. Esta medida é tão razoavel e tão justa que não duvidamos invocar a interferencia do sr. governador civil: minorava as difficuldades com que aquelles luctam para obter metal em troca do papel e quebrava as unhas aos agiotas.

Aos operarios lembramos que é n'este sentido que devem fazer as suas reclamações, se quizerem. Desenganem-se que sem se impôr, ordeira mas energicamente, nada conseguirão.

OS MONOPOLISTAS DO TABACO

Consta-nos de fonte segura que os monopolistas, conhecendo o erro administrativo em que cahiram ao encarecer o preço do ta-

—Sinto muito pesar em dizer-lhe, meu filho, que não tenho o direito de satisfazer aos seus desejos; affirmo-lhe, todavia, que, em quanto aqui se conservar, pôde estar descansado que ninguém lhe tocará, gosando da liberdade de ir para onde quizer, logo que a saude lh'o permitta.

—A minha espada!? podiu Bussy em voz alta, sentindo-se desarmado e á mercê de desconhecidos.

—Socegue, que está guardada. Saiba, no entanto, que um hospede, seja elle qual fôr, é sagrado para nós, disse o brahmane; armado ou sem armas, pessoa alguma lhe porá a mão.

—A sua espada, joven arrojado, deixou-a enterrada no corpo da fêra, interrompeu o medico, e a estas horas, depois de convenientemente restaurada, deve estar tão perfeita, como no dia em que sahii das mãos do espadeiro.

O ferido pretende retorquir; o medico, porém, impõe-lhe silencio, apresentando-lhe o remedio.

(Continúa.)

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

—N'esse caso, se o não enfastiámos, esclareça-nos, meu filho, a que casta pertence? pergunta o brahmane, com voz meiga.

O ferido ergue-se, um pouco, sobre as almofadas e responde com altivez e já meio encolerizado:

—Tenho o título de Marquez em França, e já que tanto interesse lhes desperto, deixem-me informar-os que a aristocracia da minha terra corresponde á sua casta dos tchatrias. Parece-me, pois, ter-lhes respondido sufficientemente. Compete-me, agora, a vez de ser interrogante. Primeiro, desejaria muito saber em que sitio estou; segundo, o nome da mulher a quem eu salvei da morte.

O brahmane, enquanto o Marquez calorosamente discorria trocava olhares intencionaes com o medico, occupado a este tempo em preparar nova poção, e depois do francez se calar, passado um momento, continuou, respondendo pela seguinte fôrma:

—Sinto muito pesar em dizer-lhe, meu filho, que não tenho o direito de satisfazer aos seus desejos; affirmo-lhe, todavia, que, em quanto aqui se conservar, pôde estar descansado que ninguém lhe tocará, gosando da liberdade de ir para onde quizer, logo que a saude lh'o permitta.

—A minha espada!? podiu Bussy em voz alta, sentindo-se desarmado e á mercê de desconhecidos.

—Socegue, que está guardada. Saiba, no entanto, que um hospede, seja elle qual fôr, é sagrado para nós, disse o brahmane; armado ou sem armas, pessoa alguma lhe porá a mão.

—A sua espada, joven arrojado, deixou-a enterrada no corpo da fêra, interrompeu o medico, e a estas horas, depois de convenientemente restaurada, deve estar tão perfeita, como no dia em que sahii das mãos do espadeiro.

O ferido pretende retorquir; o medico, porém, impõe-lhe silencio, apresentando-lhe o remedio.

(Continúa.)

—Meus senhores, o meu paiz não é tão inculto, como por cá se julga, podem crêr, e a nossa nobreza pôde medir-se, sem desaire, com a vossa, respondeu sêcamente.

baco, pensam em encolher as unhas, e n'esse sentido se não deram ainda vão dar paulatinamente ordens para irem repondo o negocio no antigo pé.

A corrente contra o uso do tabaco causou-lhes insomnias, porque desviou das suas burras uma enorme porção de contos. E dizem desviou, porque o mal está feito, e não ha de ser facil provocar os fumistas ao antigo uso do tabaco. Elles sentem-se já bem com a salva brava, as folhas de batateira, de parra, etc.; não só bem pelo lado economico, como pelo lado hygienico.

Tarde piaram os monopolistas. Sentimos o desastre não por esses vampiros, mas pelo grande mal que causaram ao paiz com a sua feroz avaricia de se locupletarem mais.

Ficou prejudicada uma das mais importantes receitas publicas, temol-o aqui dito muitas vezes, e o governo tem assistido de braços cruzados a este desmoronamento.

O sr. de Navarro

Na folha official de terça-feira vinha publicado o decreto nomeando o sr. de Navarro enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto do presidente da Republica Franceza.

Carne estragada

Queixa-se-nos um nosso amigo do pouco escrupulo que ha n'um dos mais antigos açougues d'esta cidade em vender carne já em mau estado, e pede-nos para que chamemos para o facto a attenção de quem compete velar pela saude publica.

Entre outras coisas diz-nos:

«No espaço de 3 dias recebi por duas vezes carne completamente estragada. E note v. que eu gasto de um talho acreditado e dos mais antigos d'Aveiro.

Se o caso me succeder outra vez, saberei prevenir-me e dar parte á policia. Quando esta não providencie, bastará divulgar o talho para que o público se acutelle.

Fico, pois, esperando.»

Para os vencidos de 31 de Janeiro

Alguns cavalheiros brazileiros e portuguezes organisaram no Rio de Janeiro uma grande commissão, no intuito de angariar, por meio de uma subscrição publica, donativos para acudir á situação precaria e afflictiva, em que se encontram os vencidos da revolução do Porto, de 31 de Janeiro, actualmente presos ou emigrados, e suas familias.

O producto da subscrição será remetido para Portugal aos srs. Latino Coelho e Theophilo Braga.

MONTE-PIO

Como dissemos, teve lugar no domingo a eleição dos corpos gerentes da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas, sendo eleitos:

Assembleia geral—Presidente, João Maria Garcia; 1.º secretario, João Pereira Pinheiro; 2.º dito, Antonio Baptista dos Santos.

Direcção—Presidente, Joaquim Maria dos Reis Santo Thyrsro; vice-presidente, Luiz dos Santos; secretario, Bento dos Santos; thesoureiro, Francisco Ferreira; vogaes, João dos Santos, José Maria de Carvalho Junior, João Gomes Barabundo, José Dias de Oliveira, José do Nascimento Correia, José de Souza Lopes.

Commissão fiscal—Francisco Augusto Duarte, Francisco de Assis Pacheco e Moita, Leovegildo Mathias de Mello, Caetano Joaquim de Azevedo.

MYSTERIOS DO CLAUSTRO

A imprensa de Lisboa está fazendo alarme com um recente mysterio succedido no recolhimento das freiras das Trinas do Mocambo. Trata-se de um crime de violação d'uma menina que alli falleceu ha dias quasi repentinamente.

O tutor da educanda desconfiando que a morte da victima não fosse natural chamou para o facto a intervenção da auctoridade, que mandou proceder á autopsia no cadaver da infeliz. Os peritos ainda nada disseram sobre a morte d'ella, porque estão ainda examinando-lhe as visceras, mas descobriram logo signaes inilludiveis de violação recente.

Porém o caso complica-se, porquanto a pobre meuna, pelo testemunho de pessoas insuspeitas, succumbiu em seguida a uma beberagem que as *madres* lhe ministraram como laxante.

Haverá crime de envenenamento para encobrir outro crime? E' o que as justicas tratam de averiguar.

Seja tudo pelas cinco chagas d'aquelle nazareno que vergalhou no templo os patifes que traficavam com as coisas da igreja.

Desordem

Na romagem de domingo ultimo, em Verdemilho, rebentou entre os romeiros uma furiosa tempestade de pancadaria, havendo ferimentos de gravidade. Os musicos da festa improvisaram as gaitas em estadulho, para molharem a sopinha, e com os trombones todos amolgados, amolgaram tambem a cabeça a muito fiel que gingava na barafunda.

Houve combatente que com um esguicho de vinho poz fóra do campo uns pncos de irmãos.

Não se pôde dizer bem que aquillo foi uma tempestade n'um copo d'agua, pois que socegou a pouco trecho; mas era sem d'vida uma desordem dentro d'um tonel monstro.

Pelas esquinas das ruas, nos muros e até nos troncos das arvores do passeio publico appareceram affixados cartazes, nos quaes se lia em grandes caracteres: — **BANCARROTA.**

Que será?

Crise monetaria

Devia ter chegado hontem a Lisboa, a primeira remessa de moedas d'um franco, na importancia de 160 contos de réis.

Esperam-se mais outras remessas até perfazerem a somma de 15000 contos.

RECRUTAMENTO

Acaba de ser publicado um decreto com força de lei modificando algumas das disposições vigentes a respeito do recrutamento militar.

Pela doutrina do presente decreto, o tempo de serviço effectivo no exercito ou na armada é contado desde o dia em que o recruta prestar juramento no quartel general, districto de recrutamento e reserva, corpo ou departamento maritimo, a que fór mandado apresentar. Da mesma forma será contado o tempo aos mancebos destinados a preencher o contingente annual da segunda reserva.

Os recruta julgados refractarios por sentença judicial passada em julgado, se forem destinados para a segunda reserva, serão obrigados por mais tres annos ao serviço que lhes competir na mesma reserva, exceptuando os remidos.

A força que constitue o effectivo do exercito, será em tempo

de paz conservada no serviço activo nos seguintes periodos de tempo:

durante o primeiro anno do seu alistamento;

nos mezes de março a outubro inclusivê do segundo anno;

nos mezes de janeiro e fevereiro, setembro e outubro do terceiro anno.

As licenças registadas ás praças de pret fóra d'estes periodos, em tempo de paz, serão concedidas pelos commandantes dos corpos sobre propostas dos commandantes das companhias ou baterias; segundo o numero fixado pelos commandantes das divisões e commandantes geraes das armas, de forma que corram por todas as praças, que as merecerem pela sua instrução e bom comportamento, preferindo as que estiverem no ultimo periodo do seu alistamento.

O serviço da inspecção dos mancebos recenseados para o serviço militar será desempenhado no corrente anno, e emquanto não fór regulado por diverso modo, por uma junta na séde de cada districto de recrutamento e reserva, composta do official superior do exercito commandante do districto, que será o presidente e dos dois facultativos militares do regimento de infantaria correspondente ao mesmo districto, ou, na falta d'estes, de dois facultativos militares nomeados pelo ministerio da guerra.

As juntas começarão a funcionar hoje. São gratuitas e obrigatorias as funções das commissões de recrutamento.

sardinha

N'estes ultimos dias as costas do nosso littoral teem produzido abundantemente sardinha que foi vendida a preço diminuto.

Já regateiada, cada cento custava 60 réis.

O movimento no mercado tem sido, pois, extraordinario, mas o consumo na sua grande maioria não se estende muito alem d'este districto.

A mais antiga nota de Banco!

Escreve-se que, entre as muitas curiosidades expostas no museu britannico, figura uma nota do Banco chinês, emittida durante o reinado do imperador Hung-Wus desde 1368 até 1389.

Esta nota é, pois o exemplar mais antigo que se encontra no mundo, uma vez que a sua data é 300 annos anterior á existencia do primeiro estabelecimento bancario fundado na Europa, e que emittiu aquella classe de papel moeda.

Mais touradas

Falla-se em que virá a esta cidade realizar uma tourada o ex-sargento Pinto da guarda municipal, que vive no Porto, e que farpeará a cavallo.

Tambem se diz que brevemente haverá outra corrida, por conta de um grupo de curiosos, em que tomará parte activa o habil amador Antonio da Costa.

Ordem do exercito

A que sabiu terça-feira publica o decreto fixando o numero das praças que no proximo anno lectivo devem ser admittidas á matricula na universidade de Coimbra, escola polytechnica e academia polytechnica.

Esse numero é limitado a 8 alumnos com destino ás armas de engenharia, artilheria e corpo de estado maior. Com destino ás armas de infantaria e cavallaria na escola e academia polytechnicas, não serão matriculadas mais de 40 praças, 2 para cavallaria e 38 para infantaria.

Viação fluvial

Vão continuar as obras do esteiro das Agras, suspensas em virtude de se haverem despedido os valladores a quem queriam diminuir os salarios.

Dizem-nos que a companhia dos caminhos de ferro projecta construir a estrada paralela á linha e a terminar na testada do esteiro, assim que este esteja concluido.

Contra a debilidade

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

HORAS DE OCIO

Charadas novissimas

E' horrivel esta inspiração só de musica—1—2.

Creiam que nos abriga este animal; olé se abriga!—2—1.

E' de pau, é madeira e é pau—2—1. Encontrareis no carneiro esta interjeição que pôde correr todo o universo—1—1.

Aveiro.

TA-COS.

Explicação das charadas do numero de quinta-feira: — Sinapismo. — Breviario. — Madrepereira. — Vesgo — Saca-rolha.

COMMERCIO

Inscrições

PARIZ, 28.—3 0/0 portuguez, 38,75.

LONDRES, 28.—3 0/0 portuguez, 38,75.

LISBOA.—49,70.

Cambio

RIO DE JANEIRO, 24.—Sobre Londres, 16 1/4, com tendencia para baixa.

MERCADO DE AVEIRO

PREÇO DOS GENEROS

Feijão branco (20 litros)...	15000
Dito vermelho.....	8800
Dito laranja.....	15060
Dito manteiga.....	8920
Dito amarello.....	8920
Dito caraça.....	8980
Milho branco.....	8780
Dito amarello.....	8760
Trigo gallego, novo.....	8770
Ovos (cento).....	8960
Azeite (10 litros).....	25400
Batatas (15 kilos).....	8240

SAL

Cada 15:000 litros (antigo barco)—225500 réis.

Horario dos comboyos na estação de Aveiro

Comboyos ascendentes:—Chegada do mixto n.º 1, ás 6,24 da tarde; do correo n.º 3, ás 5,18 da manhã; e do mixto n.º 5 (expresso), ás 6,39 da manhã.
Comboyos descendentes:—Chegada do mixto n.º 2, ás 11,24 da manhã; do correo n.º 4, ás 9,28 da noite; e do mixto n.º 6 (expresso), ás 5,11 da tarde.
Comboyo curto (entre Aveiro e Porto): —Partida de Aveiro, ás 4 da manhã; chegada a Aveiro, ás 6,25 da tarde.

Mercearia e Salchicharia

LARGO DO PHAROL BARRA

DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES, participa aos seus ex.ªs freguezes e amigos que abre nos principios do mez de agosto proximo, conforme o costume do anno anterior, na praia da Barra, uma succursal do estabelecimento que tem n'esta cidade, onde encontrarão todos os artigos de mercearia e salchicharia, e conservas, bolacha, biscoitos tanto nacionaes como estrangeiros, vinhos engarrafados, licores, cognacs, bebidas brancas, cerveja engarrafada, xaropes, gazosa e refrigerantes, etc., etc., etc.
Um completo sortido em artigos proprios para brindes.
Tabacos especies em charutos e cigarros.

MOVIMENTO DA BARRA DE AVEIRO

EM 23 DE JULHO

Não houve entradas.
Sahidas: Cahique «Vamos com Deus», mestre J. M. Ratto, para Olhão, com louça.

EM 24

Não houve movimento.

EM 25

Não houve entradas.
Sahidas: Hiate «Beatriz», mestre G. D. Magano, para o Porto, com sal. Hiate «Duque de Saldanha», mestre L. G. Villão, para Peniche, com sal. Hiate «Affonso», mestre F. Fortinho, para Villa do Conde, com sal. Hiate «Flor da Calvaria», mestre Bio Junior, para Villa do Conde, com sal.

Annuncios

JOAQUIM DIAS DE ABRANTES

ACHANDO que alguns freguezes seus, e todos os que o podem ser, ainda não vieram ao seu estabelecimento ver o bom sortido da presente estação, já adiada, vem, ainda que um pouco tarde, do que pede desculpa, dizer-lhes que não haja duvida em serem bem servidos, com modicidade, —notando-se-lhes mais, e em especial, um magnifico sortido de chales, tanto para esta como para a proxima estação do outomno.

TRAVESSA DOS MERCADORES, 7 A 11

AVEIRO

ANNUNCIO

PELA repartição de fazenda do concelho de Aveiro, vae á praça no dia 2 do proximo mez de agosto, pelas 11 horas da manhã, nas salas do tribunal judicial d'esta comarca, sito no Largo Municipal, em Aveiro, a fim de ser arrematado nos termos da lei, o direito que o executado José Manuel Ferreira, d'esta cidade, possa ter á quantia de 2775098 réis, penhorada a João Rodrigues da Rocha, casado, negociante, d'esta cidade, em poder de quem se diz achar-se a mesma importancia, indo á praça aquelle direito no valor de metade ou sejam 138549 réis.

Este direito a arrematar foi penhorado ao dito João Rodrigues da Rocha, na execução que a Fazenda Nacional move ao referido José Manuel Ferreira.

São citados quaesquer credores incertos para os fins determinados pela lei.

Aveiro, 26 de julho de 1891.

E eu José Luiz Ferreira Vidal Junior, escrivão de fazenda, o subscrevi.

Verificado.—A. Cortezão.

VIDRACA

A 100 RÉIS O KILOGRAMMA

VENDE-A Domingos José dos Santos Leite, em Aveiro, a quem comprar quantidade superior a 5 kilogrammas.

Vende também, e por preços muito módicos, ferragens, zinco, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de aço, arame zincado e de latão, tintas preparadas e em pó, vernizes, óleo, aguaraz, álcool, brochas, pinceis, cimento, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papellão, gesso d'estuque, artigos de mercearia e muitos outros.

JOAQUIM JOSÉ DE PINHO

ALFAYATE E MERCADOR

ARCOS DE ANADIA

FILIAL EM AVEIRO: — Rua de Anselmo Braumcamp (antiga rua da Costeira)

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chaites pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimento. Grande sortido de chapéus de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Na filial ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade.

Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes. Especialidade em gabões.

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

ENCADERNAÇÃO ACADEMICA

DE

J. PEREIRA CAMPOS & FILHO

60 — RUA DA VERA-CRUZ — 62

AVEIRO

N'esta officina executam-se quaesquer trabalhos concernentes á sua arte, taes como: brochuras, encadernações de luxo, pastas, carteiras, charuteiras, cigarreiras, douramento em seda e velludo e envernisação de mappas e estampas.

PREÇOS MODICOS

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Acido Phosphato de Horsford's

É um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 660 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & G.^a, rua de Mousinho da Silveira, n.º 85, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES para desinfecção de casas e latrinas; também é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.



VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoría geral de hygiene da côrte do Rio de Janeiro. — Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres também de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco. — Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

UNICA legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James. — Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

UNICO legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoría Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Pela Patria e pela Republica

Novo livro de Magalhães Lima com um prefacio de Latino Coelho

A' venda na LIVRARIA ACADEMICA, á praça do Commercio — Aveiro.

Preço 400 réis.

LIVRARIA ACADEMICA

DE

JOAQUIM FONTES PEREIRA DE MELLO

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande sortimento de livros para lycens e escolas primarias. Correspondencia regular com as principaes livrarias estrangeiras. Albums para desenho, poesia e retratos. Variada colleção de papeis comuns e de phantasia. Novidades litterarias e scientificas. Romanços e theatro. Centro de encadernações e brochuras. Objectos de escriptorio e desenho. Tintas d'oleo e aguarella, pinceis, papel tela, vegetal, continuo e marion. Bonitos estojos de desenho. Oleographies, chromos, estampas em relevo, pinturas a oleo, em tela, e madeira. Completo sortido de perfumarias, objectos de toilette, cartonagens para bordados, bilhetes de felicitações, objectos de porcellana, cutilaria, etc.

Assignatura permanente de todas as publicações portuguezas, e centro de assignaturas de todos os jornaes portuguezes, francezes e hespanhoes.

Encarrega-se da impressão de bilhetes, facturas e memoranduns.

Descontos vantajosos aos revendedores de livros.

TABACARIA

DE

Joaquim Fontes Pereira de Abello

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande fornecimento de tabacos e variada escolha de marcas tanto nacionaes como estrangeiras. Collecção completa de cigarreiras, fosforeiras, bolsas para tabaco, carteiras e bilheteiras.

ARMAZEM DE DROGAS

DE

JOAQUIM M. P. FALCÃO

42 — R. N. DO ALMADA — 44

LISBOA

Artigos para fabricas de lanificios, cortumes, louças e outros.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

VIDA DE LORD BYRON

POR

EMILIO CASTELAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

Segunda edição, com os retratos de Emilio Castelar e de Lord Byron. — 1 vol. br., 500 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio á livraria Cruz Continho, editora, rua dos Caldeiros, 18 e 20 — PORTO.

MACHINAS



SINGER

PARA COZER

As que teem obtido os primeiros premios em todas as exposições

A 500 RÉIS SEMANAES

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

COMPANHIA FABRIL SINGER

AVEIRO — 75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79 — AVEIRO

E em todas as capitães dos districtos

Faustino Alves, editor. — Typ. do "Povo de Aveiro."